

FACCA
DE
ÁGUA



PAOLO BACIGALUPI

FACA DE ÁGUA

Paolo Bacigalupi

FACA DE ÁGUA

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2015 by Paolo Bacigalupi

Publicado mediante acordo com o autor, representado pela BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, Nova York, Estados Unidos da América.

TÍTULO ORIGINAL
The Water Knife

PREPARAÇÃO
Érika Nogueira

REVISÃO
Gabriel Machado

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Oliver Munday

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B121f

Bacigalupi, Paolo, 1972-

Faca de água / Paolo Bacigalupi ; tradução Alexandre Raposo.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

400 p. ; 23 cm.

Tradução de: The water knife

ISBN 978-85-8057-943-7

1. Ficção americana. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

16-32749

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Anjula.

capítulo

1

Havia histórias no suor.

O suor de uma mulher curvada em um campo de cebola, trabalhando catorze horas sob o sol quente era diferente do suor de um homem que se aproximava de um posto de controle no México, rezando para La Santa Muerte e pedindo que os *federales* não estivessem na folha de pagamento dos inimigos de quem estava fugindo. O suor de um menino de dez anos, olhando para o cano de uma SIG Sauer não era igual ao suor de uma mulher atravessando o deserto e rogando à Virgem Maria que o esconderijo de água estivesse exatamente no lugar onde o mapa de seu coiote dizia estar.

O suor era a história de um corpo, comprimido em joias, acumulado na testa, manchando camisas. Ele revelava tudo sobre como uma pessoa acabava no lugar certo na hora errada, e se a sobreviveria mais um dia.

Para Angel Velasquez, postado no alto do poço central de Cypress 1, observando Charles Braxton se arrastar até a Cascade Trail, o suor na testa de um advogado indicava que alguns indivíduos não eram nem de perto tão importantes quanto gostavam de pensar ser.

Braxton podia irromper em seus escritórios e gritar com as secretárias. Ele podia espreitar tribunais como um assassino caçando novas vítimas. Mas, mesmo com toda a sua arrogância, no fim do dia Catherine Case o punha

em seu devido lugar — e quando ela lhe dizia para fazer algo rápido, você não apenas corria, *pendejo*, você corria até o coração falhar e não ser mais capaz de correr.

Braxton se esgueirou sob samambaias e tropeçou nas trepadeiras de uma figueira, seguindo o lento aclave da trilha que serpeava ao redor do poço de resfriamento. Abriu caminho através de grupos de turistas posando para selfies, diante dos jardins suspensos e das cachoeiras que escorriam dos níveis da arcologia. Ele prosseguiu, corado e persistente. Joggers passavam por ele trajando shorts e regatas, ouvidos tomados por música e pelas batidas de seus corações saudáveis.

Você pode aprender muito com o suor de um homem.

O suor de Braxton indicava que ele ainda tinha medo. E, para Angel, isso significava que ele ainda era confiável.

Braxton viu Angel na ponte, no lugar em que esta se arqueava sobre o amplo espaço do poço central. Acenou, exausto, fazendo sinal para que o outro descesse e se juntasse a ele. Angel acenou de volta, sorrindo, fingindo não entender.

— Desça! — gritou Braxton.

Angel sorriu e acenou outra vez.

O advogado curvou-se, derrotado, e iniciou o ataque final ao ninho de Angel.

Angel encostou-se no parapeito, apreciando a vista. A luz do sol salpicava bambus e árvores, iluminando aves tropicais e lançando reflexos em lagos de carpas cobertos de musgo.

Lá embaixo, as pessoas eram menores do que formigas. Não eram pessoas exatamente, mas apenas formas de turistas, residentes e funcionários de cassino, como nos modelos de desenvolvimento biotecnológico da Cypress 1: modelos em escala de pessoas tomando modelos em escala de café com leite em modelos em escala de terraços de cafeterias. Modelos em escala de crianças caçando borboletas em trilhas naturais, enquanto modelos em escala de jogadores apostavam em modelos em escala de mesas de vinte e um nas grutas profundas dos cassinos.

Braxton andou pela ponte lentamente.

— Por que você não desceu? — questionou, arquejante. — Eu pedi para você descer. — Ele deixou cair a pasta no chão e apoiou-se no parapeito.

— O que tem para mim? — perguntou Angel.

— Documentos — disse Braxton, ainda ofegando. — Carver City. Recebemos a decisão do juiz agora há pouco. — Ele apontou para a pasta, esgotado. — Acabamos com eles.

— E...?

Braxton tentou continuar a falar, mas não conseguia pronunciar as palavras. Seu rosto estava inchado e vermelho. Angel se perguntou se ele estava prestes a ter um ataque cardíaco e, então, imaginou o quanto se importaria caso ele infartasse.

Angel conhecera Braxton nos escritórios do advogado, na sede do Departamento de Água do Sul de Nevada. O sujeito tinha uma vista do chão ao teto de Carson Creek, o rio de pesca com mosca de Cypress 1, no ponto em que sua água vertia em cascata através dos diversos andares da arcologia antes de ser bombeada de volta até o topo do sistema para passar por um novo ciclo de purificação. Um grande e caro mirante para trutas-arco-íris e para a infraestrutura de água, e um bom lembrete do motivo para Braxton impetrar as suas ações judiciais em benefício do DASN.

O advogado tiranizava as três assistentes — coincidentemente, todas meninas graciosas fisdadas da faculdade de direito com promessas de autorização de residência permanente em Cypress — e falara com Angel com descaso. Era apenas outro dos pit bulls de Catherine Case que ele tolerava desde que matasse outros cães maiores no seu caminho.

Angel, por sua vez, passara a reunião tentando entender como um homem feito Braxton ficara tão gordo. Fora de Cypress, as pessoas não engordavam assim. Durante toda a sua vida anterior, ele nunca vira uma criatura como o advogado, e descobriu-se fascinado, admirando a silhueta abrangente de um homem que se sentia seguro.

Se, como dissera Catherine Case, o fim do mundo estivesse mesmo a caminho, Angel achava que Braxton daria uma boa refeição. E isso tornava mais fácil deixar vivo o *pendejo* da elite universitária quando ele torcia o nariz para suas tatuagens de gangue e para a cicatriz de faca que marcava seu rosto e seu pescoço.

Os tempos mudam mesmo, pensou Angel enquanto observava o suor gotejando do nariz de Braxton.

— Carver City perdeu em sede de recurso — murmurou Braxton afinal. — Os juízes decidiriam esta manhã, mas mantivemos os tribunais duplamente ocupados. Adiamos a deliberação para o fim do expediente. Carver City vai

ter de correr como louca para apresentar outro recurso. — Ele pegou a pasta e a abriu. — Eles não vão conseguir.

Braxton entregou um maço de documentos holografados a laser.

— Estes são os seus embargos. Você precisa fazer valer os nossos direitos legais até os tribunais abrirem amanhã. Mas assim que Carver City conseguir apresentar um recurso, a história muda. Então vocês enfrentarão responsabilidades civis, no mínimo. Mas até a abertura dos tribunais, vocês estarão apenas defendendo os direitos de propriedade privada dos cidadãos do grande estado de Nevada.

Angel começou a folhear os documentos.

— Isso é tudo?

— Tudo de que você precisa, desde que você feche o negócio esta noite. Quando o tribunal abrir amanhã, voltaremos aos atrasos das sessões e ao disse me disse.

— E você terá suado a camisa à toa.

Braxton cutucou Angel com força.

— É melhor que isso não aconteça.

Angel riu da ameaça implícita.

— Eu já tenho a minha licença de habitação, *cabrón*. Vá assustar as suas secretárias.

— Só porque você é o queridinho de Case não significa que eu não possa tornar a sua vida um inferno.

Angel não tirou os olhos dos documentos.

— Só porque você é o cachorrinho de Case não significa que eu não possa jogá-lo de cima desta ponte.

Os selos e carimbos nos embargos pareciam estar em ordem.

— O que você tem com Case que o torna tão intocável? — perguntou Braxton.

— Ela confia em mim.

Braxton riu, incrédulo, enquanto o outro rearrumava os documentos.

— Pessoas como você desmerecem tudo porque sabem que todos são mentirosos — retrucou Angel. É assim que vocês advogados fazem. — Ele bateu com os documentos no peito de Braxton, sorrindo. — E é por isso que Case confia em mim enquanto o trata como um cão. Você é o cara que desdenha das coisas.

Angel deixou Braxton na ponte olhando feio para ele.

Enquanto descia a Cascade Trail, Angel sacou o celular e discou. Catherine Case respondeu ao primeiro toque, contida e formal: — Case falando.

Angel conseguia imaginar a rainha do Colorado inclinando-se sobre a sua mesa, com os mapas do estado de Nevada e da bacia do rio Colorado ocupando as paredes ao seu redor, seu domínio representado em dados em tempo real — as veias de cada afluente piscando em vermelho, amarelo ou verde, indicando o fluxo das correntes em metros cúbicos por segundo. Números piscando sobre as várias bacias hidrográficas das Montanhas Rochosas — vermelho, laranja, verde — monitorando a quantidade de neve remanescente e variações fora da norma durante o degelo. Outros valores indicavam as profundidades dos reservatórios e das barragens: Blue Mesa, no Gunnison; Navajo, no San Juan; Flaming Gorge, no Green. Acima de tudo, preços de compra de emergência em caudais e ofertas futuras recebidas via Nasdaq, opções de compra disponíveis no mercado livre caso ela necessitasse reabastecer o lago Mead, números impiedosos que governavam o seu mundo de maneira tão implacável quanto ela governava Angel e Braxton.

— Acabei de falar com seu advogado favorito — disse Angel.

— Por favor, não diga que você brigou com ele outra vez.

— Aquele *pendejo* é uma figura.

— Você também não é fácil. Pegou tudo de que precisava?

— Bem, certamente Braxton me entregou a papelada. — Ele ergueu o maço. — Não sabia que ainda existia tanto papel.

— É bom nos certificarmos de que estamos todos de acordo — disse Case de forma seca.

— De acordo em cinquenta ou sessenta páginas.

Case riu.

— Esta é a primeira regra da burocracia: qualquer mensagem que valha a pena ser enviada precisa ser mandada em três vias.

Angel deixou a Cascade Trail, descendo até os elevadores que o levariam ao estacionamento central.

— Acho que devemos estar prontos em cerca de uma hora — disse ele.

— Estarei monitorando.

— Será moleza, chefe. Os documentos que Braxton me deu têm cerca de cem assinaturas diferentes afirmando que posso fazer o que quiser. É um caso

clássico de interdição judicial. Aposto que os Camel Corps poderiam resolver isso por conta própria. Não passa de um FedEx de luxo.

— Não. — A voz de Case ficou mais firme. — São dez anos de vaivém nos tribunais. E eu quero que isso acabe. Desta vez, para sempre. Estou cansada de doar licenças de habitação na Cypress para o sobrinho de algum juiz apenas para que possamos continuar apelando por algo que é nosso por direito.

— Não se preocupe: quando terminarmos, Carver City não saberá o que os atingiu.

— Que bom. Avise quando acabar o serviço.

Ela desligou. Angel pegou um elevador expresso que estava quase fechando. Pisou no chão de vidro no momento em que o carro começou o seu mergulho. O elevador acelerou, despencando através dos níveis da arcologia. Pessoas passavam aos borrões: mães empurrando carrinhos duplos; namoradas da hora de braços com namorados de fim de semana; turistas do mundo inteiro tirando fotos e mandando mensagens para casa dizendo que viram os Jardins Suspensos de Las Vegas. Samambaias, cachoeiras e cafeterias.

Nos andares de entretenimento, os vendedores trocavam de turnos. Nos hotéis, os farristas acordavam e tomavam as primeiras doses de vodca, espalhando glitter na pele. Arrumadeiras, garçons, copeiros e cozinheiros e a equipe de manutenção trabalhavam de maneira árdua, esforçando-se para manter os empregos, lutando para preservar suas licenças de habitação na Cypress.

Vocês estão aqui por minha causa, pensava Angel. Sem mim, todos vocês não passariam de bolas de feno levados pelo vento. Corpinhos de pele e osso. Sem dados para jogar, sem prostitutas para pagar, sem carrinhos para empurrar, sem drinques, nenhum trabalho a fazer...

Sem mim, vocês não são nada.

O elevador chegou ao térreo com um suave sinal sonoro. As portas se abriram para o Tesla de Angel, que o esperava com o manobrista.

Meia hora mais tarde, ele caminhava pela pista escaldante da Base Aérea de Mulroy, ondas de calor sobre asfalto, o poente avermelhado acima das Spring Mountains. Quarenta e oito graus, o sol finalmente terminando o seu trabalho. Os holofotes da base se acendiam, aumentando o calor.

— Você conseguiu os documentos? — gritou Reyes acima do rugido dos Apaches.

— Os federais nos adoram! — Angel ergueu os documentos. — Ao menos nas próximas catorze horas!

Reyes mal sorriu em resposta. Apenas se voltou e começou a dar as ordens de lançamento.

O coronel Reyes era um negro grandalhão que fora fuzileiro naval especialista em missões de reconhecimento na Síria e na Venezuela. Em seguida, passara a trabalhar no Sahel e, logo depois, em Chihuahua, antes de finalmente arranjar seu elegante emprego atual com os guardas de Nevada.

O Estado de Nevada paga melhor, dizia ele.

Reyes gesticulou para que Angel entrasse no helicóptero de comando. Ao seu redor, helicópteros de ataque estavam com os rotores girando, queimando combustível sintético — a Guarda Nacional de Nevada, também conhecida como Camel Corps, também conhecida como aqueles malditos guardas de Vegas, dependendo de quem levava um míssil Hades no traseiro —, todos eles acelerando para fazer valer a vontade de Catherine Case contra seus inimigos.

Um dos guardas jogou um colete à prova de bala para Angel, que o vestiu enquanto Reyes assumia o assento de comando e começava a emitir ordens. Angel conectou um visor militar e um fone de ouvido aos comandos da aeronave para poder ouvir a conversa.

O helicóptero deu uma guinada rumo ao céu. Os dados fornecidos ao piloto tomaram conta da visão de Angel, o gráfico da guerra colorindo Las Vegas com marcas brilhantes e famintas: cálculos de alvo, estruturas relevantes, marcações de amigo/inimigo, cargas de mísseis Hades, informação sobre a munição calibre .50 da arma na barriga da aeronave, alertas de combustível, sinais de calor no solo...

Trinta e sete graus.

Seres humanos. Algumas das coisas mais frias lá fora. Cada um deles identificado; nenhum deles ciente disso.

Uma das guardas certificou-se de que Angel estava amarrado de maneira firme ao assento. Ele sorriu enquanto a mulher verificava as suas correias. Pele escura, cabelos negros e olhos cor de carvão. Leu o seu nome na etiqueta: Gupta.

— Acho que sei como me amarrar, certo? — gritou ele acima do barulho do rotor. — Também já fiz esse trabalho.

Gupta nem sequer sorriu.

— Ordens da Sra. Case. Pareceríamos muito idiotas caso nos espatifássemos e você não saísse vivo só porque não apertou o cinto de segurança.

— Se nos espatifarmos, nenhum de nós sairá vivo.

Ela o ignorou e fez a sua checagem de qualquer maneira. Reyes e os Camel Corps eram detalhistas. Eles tinham os próprios rituais sofisticados, concebidos ao longo dos tempos e muito bem dilapidados.

Gupta disse algo em seu comunicador e, em seguida, atou-se ao próprio assento diante da tela da arma na barriga da aeronave.

Angel sentiu como se o seu estômago se revirasse quando o helicóptero adernou para se juntar à formação de outros predadores aéreos. Atualizações de status rolavam por seu visor, mais brilhantes do que a paisagem noturna de Vegas:

DASN 6602, afastado.

DASN 6608, afastado.

DASN 6606, afastado.

Mais sinais e números passaram pelo visor. Confirmações digitais daquele enxame de gafanhotos quase invisível que preenchia o céu poente e agora se dirigia para o sul.

A voz de Reyes estalou no comunicador:

— Iniciar Operação Piscina de Mel.

Angel riu.

— Quem inventou isso?

— Gostou?

— Eu gosto de hidromel.

— E quem não gosta?

Então foram arremessados rumo o sul, em direção ao lago Mead: mais de trinta e dois bilhões de metros cúbicos de água antes, agora menos da metade graças à Grande Seca. Um lago otimista, criado em um tempo otimista, agora reduzido e repleto de lodo nas margens. Uma linha de vida, sempre ameaçada e sempre vulnerável, sempre a ponto de descer abaixo da Entrada 3, o crítico gotejar intravenoso que mantinha pulsando o coração de Las Vegas.

Abaixo deles, espalhavam-se as luzes da cidade: o néon dos cassinos e das arcologias Cypress. Hotéis e varandas. Cúpulas e fazendas verticais regadas por condensação, com frondosa vegetação hidropônica, brilhando com iluminação de espectro total. Luzes geométricas alastrando-se pelo chão do deserto, todas cobertas pelo grafite eletrônico da linguagem de combate dos Camel Corps.

Promessas de shows, festas, bebidas e dinheiro em outdoors filtravam-se através do visor militar e tornavam-se pontos de ataque e de entrada. Des-

filadeiros urbanos aglomerados destinados a canalizar os ventos do deserto transformavam-se em becos de atiradores de elite. Telhados iridescentes com tinta fotovoltaica viravam zonas de salto. As arcologias Cypress tornavam-se pontos de altura favorável e zonas prioritárias de ataque, graças à forma como dominavam o horizonte de Las Vegas e pairavam sobre tudo, maiores e mais ambiciosas do que a combinação de todas as incursões anteriores ao fantástico da Cidade do Pecado.

Vegas terminava em uma robusta linha negra.

O software de combate começou a selecionar criaturas vivas, manchas frias no calor escuro do esqueleto suburbano milenar — quilômetro após quilômetro de edifícios que não serviam para nada exceto para se extrair lenha e fiação de cobre, porque Catherine Case decidira que não mereciam mais receber água.

Fogueiras esparsas e solitárias atravessavam a escuridão, sinais de luz para marcar os locais onde estavam os texanos e os arizonos desidratados que não possuíam dinheiro suficiente para ingressar em uma arcologia Cypress e não tinham mais para onde fugir. A rainha do Colorado trucidara aqueles bairros: os primeiros cemitérios foram criados em segundos, quando ela fechou a água de tubulações da população.

— Se não conseguem policiar suas malditas tubulações, que bebam poeira — dissera Case.

As pessoas ainda a ameaçavam de morte por isso.

Os helicópteros ultrapassaram a zona tampão suburbana destruída e ganharam o deserto aberto. Paisagem original: do Velho Testamento. Arbustos de creosotes. Árvores de Josué, espetadas e solitárias. Brotos de agave, aluviões secos, areias de cascalho claro, seixos de quartzo.

O deserto estava inteiramente negro agora, e arrefecendo, o bisturi afiado do sol finalmente distante da terra. Havia animais lá embaixo. Coiotes quase sem pelos. Lagartos e cobras. Corujas. Um mundo inteiro que só surgia após o poente. Todo um ecossistema emergindo de tocas sob as rochas, agaves e creosotes.

Angel observou os pequenos indicadores térmicos dos habitantes sobreviventes e se perguntou se o deserto retribuía o seu olhar, se algum coiote magro estaria olhando em direção ao surdo rumor dos helicópteros dos Camel Corps que voavam acima de sua cabeça e se maravilhando com aquela carga de humanidade aerotransportada.

Uma hora se passou.

— Estamos perto — avisou Reyes, rompendo o silêncio. Sua voz era quase reverente.

Angel inclinou-se para a frente, perscrutando.

— Lá está ela — disse Gupta.

Uma faixa de água negra serpeando o deserto, rasgando cadeias de montanhas irregulares.

O luar se derramava sobre as águas em lampejos de prata.

O rio Colorado.

Estendia-se como uma serpente através das claras paisagens do deserto. A Califórnia ainda não canalizara aquele trecho, mas logo o faria. Toda aquela evaporação... O sol não poderia continuar a roubar aquilo para sempre. Mas, por enquanto, o rio ainda corria a céu aberto, exposto ao ar e à vista solene dos guardas.

Angel olhou para o rio, maravilhado como sempre. A conversa no rádio entre os guardas cessou, todos em silêncio diante da visão de tanta água.

Mesmo muito reduzido por secas e desvios, o rio Colorado despertava desejos reverentes. Mais de 8,6 bilhões de metros cúbicos por ano, abaixo dos vinte bilhões... mas, ainda assim, tanta água, simplesmente ali, na terra...

Não admira que os hindus adorassem os rios, pensava Angel.

Em seu auge, o Colorado se estendia por mais de 1,5 mil quilômetro, partindo das brancas neves das Rochosas através dos desfiladeiros de pedra vermelha de Utah até o azul do Pacífico, correndo rápido e sem obstrução. E onde quer que tocasse... vida.

Se um agricultor conseguisse desviá-lo, ou um construtor civil abrisse um poço, ou um explorador de cassinos instalasse uma bomba d'água às suas margens, abriam-se inúmeras possibilidades. Um corpo podia sobreviver a quarenta e seis graus centígrados. Uma cidade podia florescer no deserto. O rio era uma bênção tão certa quanto a Virgem Maria.

Angel se perguntava como seria o Colorado quando ainda corria livre e rápido. Atualmente, corria baixo e lento, contido por imensas barragens. Blue Mesa, Flaming Gorge, Morrow Point, Soldier Creek, Navajo, Glen Canyon, Hoover, e tantas outras. E onde quer que elas retivessem o rio e seus afluentes, lagos se formavam, refletindo o céu e o sol do deserto: Powell, Mead, Havasu...

Hoje em dia, nenhuma gota d'água ultrapassava a fronteira do México, não importando o quanto eles reclamassem do Pacto do Rio Colorado e da Lei

do Rio. As crianças nos Estados do Cartel cresciam e morriam pensando que o rio Colorado era mais um mito como o chupa-cabra de que a velha avó de Angel lhe falara a respeito. Droga, a maior parte dos estados de Utah e do Colorado não tinha autorização para tocar a água que ocupava o desfiladeiro abaixo do helicóptero de Angel.

— Dez minutos para o contato — anunciou Reyes.

— Alguma chance de eles resistirem?

Reyes balançou a cabeça.

— Os arizonos não têm muito com o que se defender. Eles ainda estão com a maior parte de suas unidades estacionadas no Ártico.

Aquilo fora obra de Case: molhar a mão de um bando de políticos da Costa Leste que não se importavam com o que diabos acontecia naquele lado da divisória continental. Ela empanturrara os malditos clientelistas com prostitutas, cocaína e vastos oceanos de dinheiro do Comitê de Ações Políticas, por isso, quando os Chefes Unidos descobriram uma necessidade desesperada de defender os dutos de betume no extremo norte, coincidentemente as únicas pessoas que podiam fazer esse trabalho eram os ratos do deserto da Guarda Nacional do Arizona.

Angel se lembrou de ter assistido aos noticiários enquanto eram enviados às suas posições de combate, o incansável discurso entusiasmado sobre segurança energética. Ele gostava de ver todos os jornalistas rufando os tambores do patriotismo e aumentando os seus ganhos. Fazendo os cidadãos voltarem a se sentir americanos fodões. Ao menos os jornalistas serviam para isso. Por um segundo, os americanos ainda puderam se sentir os picões.

Solidariedade, baby.

Os vinte helicópteros do Camel Corps baixaram no desfiladeiro do rio, roçando as águas escuras. Seguiram seu traçado sinuoso, cercados em ambos os lados por encostas rochosas, varrendo as curvas líquidas do Colorado em direção ao seu alvo.

Angel começava a sorrir, sentindo o familiar surto de adrenalina que sempre lhe ocorria quando todas as apostas estavam feitas e tudo o que alguém podia fazer era descobrir o que havia no baralho do carteador.

Ele abraçou as liminares contra o peito. Todos aqueles selos e carimbos holográficos. Todo aquele ritual de ações judiciais e recursos, tudo levando a um momento em que eles finalmente poderiam lutar.

O Arizona nunca saberia o que o atingira.

Ele riu.

— Os tempos, eles mudam.

Gupta, a cargo da arma na barriga do helicóptero, ergueu os olhos.

— O que você disse?

Ela era jovem, percebeu Angel. Tão jovem quanto ele quando Case o alistara na guarda e aprovara a sua residência definitiva no estado. Um pobre e desesperado deportado, procurando encontrar alguma maneira — qualquer maneira — de ficar no lado certo da fronteira.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele. — Doze?

Ela lançou um olhar sisudo para Angel e voltou a se concentrar em seus sistemas de alvo.

— Vinte. Velhote.

— Não seja fria. — Ele apontou para o Colorado. — Você é muito jovem para se lembrar como isso era. Antes, todos nos sentávamos com um grupo de advogados e documentos, burocratas com protetores de bolso...

Ele parou de falar, recordando-se dos tempos remotos, quando servia de guarda-costas para Catherine Case e ela comparecia a tais reuniões: burocratas carecas, gestores de água municipais, Secretaria de Reclamações, Departamento do Interior. Todos falando em metros cúbicos e diretrizes de recuperação e cooperação, eficiência de esgotos, reciclagem, racionamento de água, redução da evaporação e canalização de rios, eliminação de tamariscos, choupos e salgueiros. Todos tentando reorganizar as cadeiras no convés de um grande e velho *Titanic*. Disputando o jogo segundo as regras, acreditando que havia uma maneira de todos sobreviverem, fingindo que eram capazes de cooperar e saírem juntos daquela situação caso tratassem o problema com inteligência.

Então, a Califórnia rasgou o livro de regras e optou por um novo jogo.

— Você disse algo? — insistiu Gupta.

— Não. — Angel balançou a cabeça. — O jogo mudou. Só isso. Case costumava disputar muito bem o jogo antigo. — Ele se agarrou ao assento para se firmar quando ultrapassaram a borda do desfiladeiro e despencaram sobre o alvo. — Também estamos nos dando bem neste novo jogo.

À sua frente, o objetivo deles brilhava na escuridão, todo um complexo erguendo-se solitário no deserto.

— Aí está.

Luzes começaram a piscar.

— Eles sabem que estamos chegando — disse Reyes, e começou a emitir instruções de combate.

As aeronaves se espalharam, escolhendo alvos prováveis à medida que entravam no raio de ação. Seu próprio helicóptero mergulhou ainda mais, escoltado por um par de drones de apoio. O visor militar de Angel mostrou outro grupo de helicópteros voando à sua frente, abrindo o espaço aéreo. Ele trincou os dentes quando começaram a baixar e a sacudir, mantendo um movimento aleatório, esperando para ver se o solo se iluminava.

No horizonte distante, ele podia visualizar o brilho alaranjado de Carver City. Casas e empresas resplandcentes, um halo luminoso de urbanidade em contraste com o céu noturno. Todas aquelas luzes elétricas. Todos aqueles aparelhos de ar condicionado.

Toda aquela vida.

Gupta disparou algumas vezes. Algo se iluminou mais abaixo, uma fonte de chamas. Seus helicópteros sobrevoavam a periferia das instalações de bombeamento e tratamento de água. Piscinas e tubulações por toda parte.

Apaches negros aterrissaram sobre telhados e estacionamentos, chegando ao nível do chão e expelindo suas tropas. Mais helicópteros pousaram como libélulas gigantes. Os rotores erguiam a areia de quartzo, atingindo o rosto de Angel.

— Hora do show! — Reyes acenou para Angel, que verificou o colete à prova de bala uma última vez e fixou a tira de queixo do capacete.

Gupta observou, sorrindo.

— Você quer uma arma, velhote?

— Para quê? — perguntou Angel ao saltar. — É por isso que eu trouxe você.

Guardas reuniram-se ao seu redor. Juntos, correram para as portas principais da instalação.

Holofotes eram ligados, operários saíam em disparada do edifício, sabendo o que estava por vir. Os Camel Corps mantinham os rifles erguidos e prontos para disparar, mirando nos alvos adiante. Ordens amplificadas irrompiam do comunicador de Gupta:

— *Todo mundo no chão. Deitados! DEITADOS!*

Os civis obedeciam.

Angel correu até uma mulher encolhida e aterrorizada e brandiu os documentos.

— Tem um sujeito chamado Simon Yu com vocês aqui? — gritou ele contra o rugido dos helicópteros.

Ela estava com muito medo de falar. Era uma senhora branca e rechonchuda de cabelo castanho. Angel sorriu.

— Ei, senhora, eu só entrego documentos.

— Lá dentro — murmurou ela afinal.

— Obrigado. — Angel deu-lhe um tapinha nas costas. — Por que você não tira todos os seus colegas de trabalho daqui? No caso de as coisas esquentarem...

Ele e os soldados irromperam pelas portas da estação de tratamento, uma cunha de armamento que protegia Angel. Os civis se jogavam nas paredes enquanto os Camel Corps passavam.

— Vegas na área! — gritou Angel. — Preparem-se, meninos e meninas!

As ordens amplificadas de Gupta abafaram a sua voz:

— *Caiam fora! Todos vocês! Vocês têm trinta minutos para evacuarem esta instalação. Depois disso, estarão obstruindo!*

Angel e sua equipe chegaram à sala de controle principal: computadores de tela plana monitorando efluência, qualidade da água, insumos químicos, eficiência das bombas, além de um grupo de engenheiros de qualidade da água, parecendo roedores surpreendidos enquanto pulavam de suas estações de trabalho.

— Cadê o supervisor? — perguntou Angel. — Quero falar com um tal de Simon Yu.

Um homem se apresentou:

— Eu sou Yu. — Magro e bronzeado, ligeiramente calvo, com o cabelo penteado para o lado e cicatrizes de acne no rosto.

Angel jogou os documentos para ele enquanto os Camel Corps espalhavam-se e trancavam a sala de controle.

— Vocês estão fechados.

Yu pegou os documentos desajeitadamente.

— Coisa nenhuma! Isto está em sede de recurso.

— Recorra o quanto quiser amanhã — disse Angel. — Hoje à noite vocês têm ordem de fechar. Verifique as assinaturas.

— Fornecemos água para cem mil pessoas! Vocês não podem simplesmente desligar a água dessa gente.

— Os juízes dizem que temos direitos sênior — retrucou Angel. — Você deveria estar satisfeito por eu deixá-los ficar com o que já têm em suas tubu-

lações. Se o seu pessoal for cuidadoso, pode se virar com baldes durante alguns dias antes de dar o fora.

Yu folheou os documentos.

— Mas esta decisão é uma farsa! Conseguiremos um efeito suspensivo e isso será revertido. Esta decisão... praticamente não existe! Amanhã não existirá mais!

— Eu sabia que você diria algo assim. O problema é que, no momento, ainda não é amanhã. É hoje. E hoje os juízes dizem que vocês têm que parar de roubar a água do estado de Nevada.

— Mas você será legalmente responsabilizado! — exclamou Yu. Ele fez um esforço heroico para se acalmar. — Ambos sabemos como isso é sério. O que quer que aconteça com Carver City será responsabilidade sua. Temos câmeras de segurança. Tudo será de domínio público. Você não vai querer isso contra si quando começarem os julgamentos.

Angel meio que gostou do burocrata careca. Simon Yu era *dedicado*. Parecia um daqueles bons sujeitos do governo que conseguiam um emprego porque queriam tornar o mundo um lugar melhor. Um funcionário público da velha guarda, genuinamente dedicado ao bem-estar do povo.

E agora o cara estava tentando convencer Angel a entrar no jogo do “vamos ser razoáveis”, “não sejamos precipitados”.

Pena que este não era o jogo que eles estavam jogando.

— ... Isso irritará um monte de gente importante — prosseguiu Yu. — Vocês não vão escapar. Os federais não deixarão algo assim acontecer.

Era um pouco como encontrar um dinossauro, Angel refletiu. Tipo, legal de se ver, com certeza, mas, francamente, como aquele sujeito conseguira sobreviver?

— Gente importante? — Angel sorriu de forma gentil. — Vocês fizeram algum acordo com a Califórnia do qual eu não tenha conhecimento? Eles são donos de sua água e de algum modo eu não sei? Porque, pelo que vejo, vocês estão bombeando água com direitos júnior, comprada de segunda mão de um agricultor no oeste do Colorado, e vocês não têm mais cartas para jogar. Esta água deveria ter ido para nós há muito tempo. É o que dizem esses documentos que lhe entreguei.

Yu lançou um olhar carrancudo para Angel.

— Por favor, Yu. — Angel socou-lhe o ombro levemente. — Não fique tão deprimido. Nós dois estamos neste jogo por tempo suficiente para reco-

nhecemos que alguém tem que perder. A Lei do Rio diz que direitos sênior ficam com tudo. Direitos júnior? — Angel deu de ombros. — Nem tanto.

— A quem vocês pagaram? — perguntou Yu. — Stevens? Arroyo?

— Isso importa?

— As vidas de cem mil pessoas estão em jogo!

— Então não deveriam ter apostado as vidas em direitos de água tão fajutos — comentou Gupta do outro lado da sala de controle, onde verificava as luzes dos monitores das bombas.

Angel reprimiu um sorriso enquanto Yu lhe lançava um olhar sórdido.

— A soldada está certa, Yu. Considerem-se notificados. Nós lhes daremos mais vinte e cinco minutos para saírem. Depois disso, dispararei alguns Hades e Hellfires neste lugar. Portanto, saiam antes de começarmos.

— *Você vão nos explodir?*

Alguns soldados riram.

— Você nos viu chegando com os helicópteros, certo? — indagou Gupta.

— Eu não vou sair — respondeu Yu friamente. — Você pode me matar se quiser. Vamos ver como isso funciona para você.

Angel suspirou.

— Eu sabia que você reagiria assim.

Antes que Yu pudesse responder, Angel agarrou-o, jogou-o no chão e cravou um joelho nas costas do burocrata. Então, pegou um de seus braços e o torceu.

— Vocês vão destruir...

— Eu sei, eu sei. — Angel puxou a outra mão de Yu para trás das costas e o algemou. — Uma merda de uma cidade inteira. Cem mil vidas. Além do campo de golfe de alguém. Mas, como você deve compreender, cadáveres complicam as coisas, de modo que os estamos chutando daqui. Vocês podem nos processar amanhã.

— *Você não pode fazer isso!* — gritou Yu com o rosto amassado contra o chão.

Angel ajoelhou-se ao lado do sujeito indefeso.

— Sinto que você esteja levando isso para o lado pessoal, Simon. Mas não é assim. Somos apenas peças de uma grande e velha engrenagem, certo? — Ele ergueu Yu. — Isto é maior do que você e eu. Nós dois estamos apenas fazendo o nosso trabalho.

Ele deu um empurrão em Yu, impelindo-o através das portas. Voltando-se para Gupta, gritou:

— Verifique o resto do lugar e certifique-se de que está limpo. Quero esta instalação em chamas em dez minutos!

Lá fora, Reyes estava de pé na porta do helicóptero, aguardando.

— Arizonos se aproximando! — gritou Reyes.

— Bem, isso não é nada bom. Quanto tempo?

— Cinco minutos.

— Puta que pariu. — Angel fez um movimento de rodopio com o dedo.

— Então nos tire daqui! Já fiz o que tinha de fazer.

As pás do helicóptero ganharam vida, um rugido furioso que abafou as palavras seguintes de Yu, mas sua expressão foi suficiente para que Angel entendesse o ódio do sujeito.

— Não leve isso para o lado pessoal! — berrou Angel em resposta. — Em alguns anos vamos contratá-lo em Vegas! Você é muito bom para ser desperdiçado aqui! O DASN valoriza pessoas como você!

Angel tentou puxar Yu para dentro da aeronave, mas o burocrata resistiu. Ele estava encarando Angel, com os olhos estreitados por causa da areia. Os helicópteros dos guardas começaram a subir, como gafanhotos alçando voo. Angel deu outro puxão em Yu.

— Hora de ir, meu velho.

— Isso é o que você diz!

Com uma força súbita e surpreendente, Yu se livrou e correu de volta para sua estação de tratamento de água, tropeçando, as mãos ainda algemadas atrás das costas. Seguia com determinação para o prédio do qual fugiam os últimos de seus companheiros.

Angel trocou um olhar aflito com Reyes.

Cretino dedicado. Até o fim, o burocrata ia ser dedicado.

— Precisamos ir! — exclamou Reyes. — Se os arizonos chegarem aqui com os helicópteros, vamos ter um tiroteio, e os federais estarão atrás de nós logo em seguida. Eles não toleram algumas merdas, e uma batalha entre estados definitivamente é uma delas. Precisamos sair daqui!

Angel olhou para trás e viu Yu fugindo.

— Apenas me dê um minuto!

— Trinta segundos!

Angel lançou um olhar de reprovação para Reyes e saiu atrás de Yu.

Ao seu redor, os helicópteros decolavam, subindo como folhas ao vento quente do deserto. Angel estreitou os olhos e atravessou a nuvem de areia.

Alcançou Yu na porta da estação de tratamento.

— Bem, devo concordar que você é teimoso.

— Deixe-me ir!

Angel jogou-o com força no chão. A queda tirou o fôlego de Yu e Angel se aproveitou da paralisia do sujeito para algemar também seus tornozelos.

— Deixe-me em paz, porra!

— Normalmente, eu apenas o cortaria como se você fosse um porco e terminaria o serviço — grunhiu Angel, enquanto erguia Yu sobre as costas, como um bombeiro. — Porém, já que estamos fazendo tudo às claras e em público, isso não é uma opção. Mas não me provoque. Estou falando sério. — Ele começou a se mover pesadamente em direção ao único helicóptero remanescente.

Os últimos funcionários da estação de tratamento de Carver City se jogavam em seus carros e aceleravam para longe da instalação de bombeamento, levantando nuvens de poeira. Ratos fugindo do navio que afundava.

Reyes olhava feio para Angel.

— Depressa, porra!

— Estou aqui! Já vamos!

Angel atirou Yu dentro do helicóptero, que decolou com Angel ainda sobre o esquí da aeronave. Ele se arrastou para dentro.

Gupta estava de volta à sua arma, já abrindo fogo enquanto Angel atava o cinto de segurança. O visor militar dele se iluminou com soluções de tiro. Espiou pela porta aberta enquanto o software de inteligência militar dividia a estação de tratamento de água: torres de filtragem, motores das bombas, fontes de energia, geradores reserva...

Mísseis foram cuspidos dos tubos dos helicópteros, arcos de fogo, silenciosos enquanto estavam no ar e, então, explosivamente ruidosos enquanto se enterravam nas vísceras da infraestrutura hídrica de Carver City.

Cogumelos flamejantes clareavam a noite, banhando o deserto de laranja, iluminando os perfis de gafanhotos negros dos helicópteros que disparavam mais cargas.

Simon Yu estava estendido aos pés de Angel, algemado e incapaz de deter a destruição, observando o seu mundo subir aos céus em nuvens em forma de cogumelo.

À luz oscilante das explosões, Angel podia ver as lágrimas no rosto do sujeito. Lágrimas jorrando dos olhos, tão expressivas, à sua maneira, quanto o suor de um homem: Simon Yu lamentando a destruição do lugar que ele

FACA DE ÁGUA

tanto lutara para salvar. Apesar de não parecer, o idiota tinha sangue-frio, com certeza.

Pena que isso não o ajudasse.

É o fim dos tempos, pensou enquanto mais mísseis atingiam a usina de tratamento de água. *É o maldito fim dos tempos*.

Então, na esteira desse pensamento, outro se seguiu de maneira espontânea.

Acho que isso me torna o Diabo.

“Um pouco de *Laranja mecânica* com o melhor de William Gibson.”

Los Angeles Times

Num futuro árido e tumultuado, em que a água ganhou o status de *commodity* mais valiosa, o direito de uso das fontes e dos rios é alvo de disputas ferrenhas. Uma guerra entre governos, órgãos públicos e empresários, na qual vale tudo. Enquanto advogados e burocratas armam-se com infinitos processos judiciais, mercenários e militares subjagam proprietários de terra, implodem estações de tratamento e interrompem o abastecimento de regiões inteiras.

Nesse cenário surge Angel, um faca de água, um dos muitos mercenários com a missão de cortar e desviar o fornecimento de água a mando de quem paga mais. Lucy é uma jornalista premiada que decidiu revelar para o mundo a realidade da Grande Seca. Maria é uma jovem cuja vida foi destruída pelos efeitos das mudanças climáticas.

Quando o direito de usar a água significa dinheiro para alguns e sobrevivência para outros, o que esses três personagens não sabem é que seu encontro é um marco que poderá mudar tudo. Um novo fiel da balança que sempre pendeu para o mesmo lado.

“Perturbadoramente plausível.”

Kirkus Reviews

